

## ATTITUDES PORTUGUESAS E EUROPEIAS PERANTE AS LÍNGUAS

*Paulo Feytor Pinto\**

### RESUMO

A partir da análise dos resultados de um estudo sobre o conhecimento de línguas nos países da União Europeia, realizado no âmbito do Ano Europeu das Línguas, é feito um breve diagnóstico das atitudes dos portugueses perante as línguas estrangeiras. Neste diagnóstico, a cultura linguística portuguesa é parcialmente comparada com as de outros países europeus e sobre algumas das suas características mais relevantes é apresentado um enquadramento histórico.

### ABSTRACT

The results of the special Eurobarometer opinion survey about Europeans and languages, published by the European Commission for the European Year of Languages, are the basis for the outlining of Portuguese attitudes towards languages. In this text, Portuguese linguistic culture is compared with the situation in other EU countries and the historical background of its main features is described.

### INTRODUÇÃO

Um dos objectivos do Ano Europeu da Línguas 2001 é o incentivo da aprendizagem de mais línguas, para além da língua materna, por todos os cidadãos da Europa. Para tal, parece ser importante conhecer as atitudes dos europeus perante as línguas. Com efeito, tanto as decisões políticas sobre o ensino de línguas no sistema educativo como as opções individuais quanto à aprendizagem de línguas radicam na cultura linguística da comunidade em questão. Por cultura linguística entende-se o conjunto de comportamentos linguísticos, crenças, preconceitos, atitudes, estereótipos e modos de pensar as línguas.

Ora, sendo a cultura linguística o resultado de factores históricos, sociais, culturais, educacionais e religiosos próprios de uma comunidade, ela varia de comunidade para comunidade. O presente trabalho centra-se, então, no diagnóstico da realidade portuguesa, desenvolvido a partir da análise dos resultados de um estudo sobre o conhecimento de línguas nos países da União Europeia (UE), encomendado pela Direcção-Geral de Educação e Cultura da UE e cujo relatório constitui um número especial do Eurobarómetro.

Neste relatório são apresentados os resultados de um inquérito por questionário realizado em Dezembro de 2000, nos quinze estados-membros e que foi respondido por uma amostra de cerca de mil portugueses. Por isso, é possível comparar os resultados relativos a Portugal com os de outros países da UE. Os aspectos focados no relatório são: o conhecimento de línguas, as línguas consideradas úteis, a utilização de línguas estrangeiras e a aprendizagem de línguas (modalidades, opções e justificações).

\*Associação de Professores de Português.

## PANORAMA LINGUÍSTICO EUROPEU

A língua com um maior número de falantes nativos na UE é o alemão. Quase um quarto dos europeus (23%), essencialmente alemães e austríacos, tem o alemão como língua materna. Tanto o francês como o italiano e o inglês são a língua materna de, mais ou menos, 16% da população da UE. O português, depois do espanhol (10,5%), do neerlandês (5,5%) e do grego (2,9%), é a língua materna de 2,8% dos europeus. Além das 11 línguas oficiais nacionais, são faladas, na UE, 26 línguas minoritárias europeias e ainda muitas línguas maternas oriundas de África, da Ásia e de países europeus que não integram a UE.

Apesar desta aparente diversidade, a UE é uma das regiões do mundo com mais baixa densidade linguística. Aqui, a média de falantes por cada língua autóctone é superior a 10 milhões, enquanto na ilha da Nova Guiné e na África central a densidade chega a mais de 500 línguas por cada milhão de habitantes. Se a Europa é um continente com uma fraca densidade linguística, é também o que tem um maior número de línguas oficiais em relação ao total da população.

Em Portugal, país tradicionalmente considerado monolíngue, o português é a língua materna de quase 100% da população. Apesar de o português ser a língua obrigatória dos textos oficiais desde o reinado de D. Dinis (1279-1325), só agora, em finais de 2001, foi constitucionalmente reconhecido o seu estatuto de língua oficial (Artº 11º, nº3). Entretanto, em 1999, entrara em vigor a lei de reconhecimento oficial de direitos linguísticos da comunidade mirandesa. Com efeito, alguns portugueses não têm o português como língua materna. Para além dos cerca de 15.000 falantes de mirandês, há milhares de portugueses residentes em Portugal cuja língua materna é o cabo-verdiano, o francês, a língua gestual portuguesa ou o caló.

## LÍNGUAS DE MAIOR PRESTÍGIO

O panorama linguístico europeu é completamente diferente, se se tiver em consideração, não o número de falantes nativos de cada língua, mas antes a sua difusão como língua estrangeira. Mais de metade da população da UE (53%) fala uma língua estrangeira e o inglês emerge como a de maior prestígio, aquela que é considerada a mais útil (75%) e cuja aprendizagem foi a opção de um maior número de europeus (41%). Segue-se o francês (19%), o alemão (10%), o espanhol (7%) e o italiano (3%). O português surge no fim do grupo das línguas estrangeiras mais faladas na UE (1%) a par do árabe, do grego, do neerlandês e do sueco.

Em Portugal, a língua estrangeira mais falada também é o inglês (36%), mas Portugal e Espanha são também os países europeus com menor percentagem de falantes dessa língua. No extremo oposto, estão a Suécia, Países Baixos e Dinamarca onde cerca de 80% da população fala inglês. Recorde-se, a propósito, que só com a reforma de Veiga Simão, em 1973, passou a ser possível, no ensino público português, aprender inglês como primeira língua estrangeira. Até então, esse estatuto era exclusivo do francês, actualmente a segunda língua estrangeira europeia mais falada em Portugal (30%).

### ATITUDES PERANTE O FRANCÊS

O início do interesse generalizado dos portugueses cultos pela língua francesa radicou na vontade de romper os laços estreitos com Espanha, na sequência da restauração da independência, em 1640. Em 1679, foi publicada a primeira gramática portuguesa do francês e, durante as décadas seguintes, o francês foi a língua mais descrita pelos gramáticos portugueses. Entre 1860 e 1973, o francês foi obrigatoriamente a primeira língua viva estrangeira aprendida no ensino público português. Aliás, o predomínio do francês como língua estrangeira em Portugal contribuiu para a sua actual difusão em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe.

Apesar de o inglês ser agora a língua estrangeira dominante no nosso país, Portugal é ainda um dos países europeus com maior número relativo de falantes de francês. Só nos Países Baixos se regista uma maior difusão desta língua (40%). Para mais de metade dos 30% de portugueses que dizem falar francês, esta é a sua primeira língua estrangeira. Valores idênticos são observados noutros países latinos (Espanha e Itália) e nos países anglófonos (Reino Unido e Irlanda).

Portugal é também o país europeu não francófono onde há uma maior percentagem de falantes de francês como língua estrangeira que dizem falá-lo bem, ou muito bem. Entre nós, como no resto da UE, quanto mais velhos são os falantes maior é a probabilidade de considerarem que têm um bom, ou muito bom, conhecimento do francês.

### ATITUDES PERANTE O ESPANHOL

Até meados do séc.XV, o espanhol e o português eram encarados como duas variedades de uma mesma língua. A partir de então, com o despertar da consciência linguística portuguesa, a afirmação da nossa língua fez-se através da afirmação da sua afinidade com o latim e das suas diferenças relativamente ao espanhol. Mesmo assim, durante os séculos XVI e XVII, a população culta portuguesa era maioritariamente bilingue, assumindo o espanhol como língua de maior prestígio cultural e literário. Tal facto explica que Cristóvão Colombo tenha aprendido espanhol durante a sua estadia em Portugal (1476-1485), que Gil Vicente tenha escrito nessa língua (1502-1536) e que o *Don Quijote* de Cervantes tenha sido duas vezes publicado, em Lisboa, na sua versão original (1604).

A hegemonia do espanhol como língua estrangeira, em Portugal, viria a terminar com o fim do governo filipino, em 1640. Desde então, poucos têm sido os portugueses que aprenderam formalmente a língua espanhola. Até 1920, apenas foram publicadas cinco gramáticas do espanhol, entre 1848 e 1895, e o ensino superior português teve pela primeira vez uma disciplina da Literatura Espanhola em 1930 e licenciaturas em Estudos Espanhóis a partir de 1978. Foi só no final da década de 1990 que o espanhol passou a integrar os planos de estudo do ensino não superior e actualmente é apenas a quinta língua mais ensinada, entre nós, como língua estrangeira.

Apesar disso, depois de França, Portugal é o país europeu com maior percentagem de falantes de espanhol como língua estrangeira (aprox. 20%). Tal situação, não podendo radicar no ensino formal, resultará de outros factores. Se a

proximidade linguística entre o espanhol e o português é importante, mais determinante parece ser o grau de exposição dos portugueses àquela língua. A atitude perante o espanhol, dominante entre nós, parece ser a de que para falar a língua de "*nuestros hermanos*" não é preciso aprendê-la (formalmente).

### ABERTURA À DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

A Alemanha, a Áustria, a Irlanda e Portugal são os países da UE onde um maior número de pessoas não tem opinião acerca do estatuto de línguas na união. Os portugueses são os europeus que menos reconhecem a utilidade do conhecimento de línguas estrangeiras (10%), a par dos alemães da ex-RDA, e mais de um terço (37%) não procuraria informação sobre línguas estrangeiras em lado nenhum. Só entre os belgas se regista uma maior indiferença (44%). Os portugueses são, ainda, os europeus que estão menos dispostos a gastar tempo algum a aprender línguas estrangeiras, sendo Portugal um dos países europeus em que mais se considera que só uma minoria tem a oportunidade de aprender línguas.

A principal razão por que os portugueses, como todos os europeus, querem que os seus filhos aprendam línguas estrangeiras é para aumentar as suas perspectivas de emprego. No entanto, Portugal é dos poucos países europeus onde a satisfação pessoal é apontada como a principal justificação para o conhecimento de línguas estrangeiras (51%). Além disso, entre nós, a maior parte dos que reconhecem a importância das línguas estrangeiras considera também importante o conhecimento de uma segunda língua estrangeira. Esta tendência é predominante em Itália e no Luxemburgo.

No contexto da UE, os portugueses estão entre os que menos se consideram maus em línguas (15,2%), ultrapassados por luxemburgueses, dinamarqueses e gregos (10,8%), mas muito aquém dos austríacos (24,4%), dos espanhóis (24,8%), dos alemães (25,8%) e dos franceses (27,5%). No Luxemburgo (76%) e na Dinamarca (69%) é também onde se regista uma maior confiança nas capacidades linguísticas da comunidade.

Cerca de 75% dos portugueses, dos espanhóis e dos luxemburgueses considera que o previsto alargamento da UE implica uma maior protecção da sua língua nacional. Esta, aliás, foi apontada como uma das razões para o recente reconhecimento constitucional da oficialidade da língua portuguesa. A preocupação com a protecção da língua nacional só é maior na Grécia e na Finlândia (90%). A Finlândia é também o país da UE onde menos pessoas consideram que todos os europeus deviam falar inglês (57%). Em segundo lugar aparece um conjunto de países cuja língua nacional é vista como língua de importância internacional: Espanha (61,7%), Áustria (64,2%), Portugal (65,3%), França (66,2%) e Alemanha (67,1%).

### SOLUÇÕES PERANTE A DIVERSIDADE

Portugal, com a Dinamarca, França, Países Baixos, Finlândia e Suécia, é dos países onde o sistema educativo, especialmente o equivalente aos 2º e 3º CEB, tem um papel mais preponderante na difusão de línguas estrangeiras. Três quartos dos portugueses que falam línguas estrangeiras, uma ou duas, aprenderam-nas nestes níveis

de ensino. As línguas dominantes são, como se viu, o inglês e o francês, apesar de o alemão e o espanhol serem, em princípio, opções disponíveis.

Depois da escola, a emigração é o principal contexto de aprendizagem de línguas estrangeiras pelos portugueses. Aliás, a maior parte dos poucos portugueses que falam alemão aprenderam-no trabalhando na Alemanha. Portugal é o país europeu onde a emigração tem um papel mais importante na difusão de línguas estrangeiras.

Contrariamente ao que acontece noutros países da UE, o pré-escolar (2%), o 1ºCEB (<5%) e a formação profissional (2%) só residualmente contribuem para a aprendizagem de línguas, que não a portuguesa, em Portugal. Nós (7%), os gregos e os irlandeses (5%) somos os europeus que menos aprendem línguas durante férias no estrangeiro.

Fora do contexto da escolaridade obrigatória e da emigração, a aprendizagem de novas línguas estrangeiras em Portugal é escassa. Os portugueses são os europeus que mais referem os custos elevados como impedimento para aprenderem uma língua estrangeira (36%), seguidos dos espanhóis (31%) e dos gregos (30%).

Para além dos ensinamentos básico e secundário, a oferta de oportunidades de aprendizagem formal de línguas estrangeiras, da responsabilidade de escolas de línguas, instituições do ensino superior e outras, centra-se também ela no inglês. Segue-se o francês, o alemão, o português língua estrangeira, o espanhol e o italiano. O russo, o neerlandês e o árabe já são línguas estrangeiras de que há pouca oferta. Uma ou outra destas instituições oferece cursos de japonês, grego, chinês e sueco.

## CONCLUSÃO

Os portugueses, cuja língua nacional é a oitava mais falada na UE, mas a terceira língua da UE mais falada no mundo, encaram o alargamento da união e a língua inglesa como ameaças à difusão do português. Apesar de Portugal ser o país europeu linguisticamente mais homogéneo, há portugueses cuja língua materna é o dialecto mirandês, o crioulo, o cabo-verdiano, o francês, a língua gestual portuguesa e o caló.

Até 1640 a língua viva estrangeira dominante em Portugal foi o espanhol. A partir de então, esse lugar veio a ser ocupado pelo francês e, em 1973, foram lançados o alicerces para a actual hegemonia do inglês. Estas são praticamente as únicas línguas estrangeiras que os portugueses actualmente conhecem. E, no contexto europeu, são ainda poucos os portugueses que sabem alguma língua estrangeira, apesar de não serem muitos os que se consideram maus em línguas.

O 2º e o 3º CEB são os principais responsáveis pela difusão de línguas estrangeiras em Portugal. Fora deste contexto, a aprendizagem de línguas é vista como onerosa e, se calhar por isso, só ao alcance de alguns.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA. VV. (2000). Guerre et paix des langues. *Le Courrier de l'Unesco*, Avril 2000. CPP. 17-36.
- Deniau, X. (1992). *La francophonie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Eurostat. (1995). *A Europa em números*. Luxemburgo: Serviço de Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Feytor Pinto, P. (2001). *Como Pensamos a Nossa Língua e as Línguas dos Outros*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Gabinete de Assuntos Europeus e Relações Internacionais. (2001). *Mil e um lugares para aprender línguas*. Roteiro. Lisboa: Ministério da Educação.
- International Research Associates. (2001). *Europeans and Languages, Eurobarometer 54 Special*. Bruxelas: The Education and Culture Directorate-General.
- Language policy - Vocational training. (2001). *Europeans and Languages. The headlines from Eurobarometer Special Survey 54*. Bruxelas: Directorate-General for Education and Culture.
- Mira Mateus, M.H. (coord). (2001). *Caminhos do Português*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Proença, M. C. (1998). *O Sistema de Ensino em Portugal. Séculos XIX-XX*. Lisboa: Edições Colibri.
- Rodrigues, M. I. R. (2001). Ser hispanista em Portugal. In *Para uma história das línguas e literaturas estrangeiras em Portugal : das origens à actualidade. (pp.341-353)*. Aveiro: Associação Portuguesa para a História do Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras.
- Sanmarti Roset, J.M. (1997). *Las Políticas Lingüísticas y Las Lenguas Minoritarias en el Proceso de Construcción de Europa*. Bilbao: Instituto Vasco de Administración Pública.